

Ser Economista

Alexandre Borbely¹

Marcus Eduardo de Oliveira²

Resumo

Diante da abrangência dos estudos das Ciências Econômicas, da relação entre necessidades e recursos, e das escolhas a qual somos submetidos a todo instante, este artigo procura refletir sobre o real papel do economista na sociedade moderna. Além disso, nosso objetivo é refletir sobre como esse profissional pode atuar no sentido de fazer da economia um instrumento capaz de construir uma sociedade mais justa e equânime.

Palavras chave: Economia; Economista; Conflitos sociais; Liberdade; Igualdade; Eficiência; Necessidades; Escassez; Recursos; Sociedade.

Abstract

On the scope of Economic Science studies, the relation between requirements and resources, and the choices which we are submitted all the time, this paper looks forward to reflect on the real role of the economist in modern society. In addition, our aim is to reflect about how this professional could act to use the economy as an instrument capable of building a more just and equal society.

Key-words: economy, economist, social conflicts, liberty, equality, efficiency, needs, scarcity, resources, society.

Introdução

Ninguém pode ignorar a *Economia* por dois únicos e singelos motivos: o *primeiro* é que não há recursos suficientes para todos, visto que os desejos são ilimitados. É tarefa então da *Economia* lidar com essa situação conflituosa que envolve escolhas. Essa escassez de recursos, entendida como falha de mercado, é uma verdade inconteste no trato com as necessidades ilimitadas dos consumidores. O *segundo* motivo é que todos, direta e indiretamente, ao participarmos com nossos desejos de consumo, estamos fazendo parte da economia.

¹ Professor da Faculdade de Administração e Economia da Universidade Metodista de São Paulo e da Faculdade de Ciências da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco. Mestre em Economia. E-mail: Alexandre.borbely@metodista.br

² Economista. Professor da FAC-FITO e da UNIFIEO. Mestre pela USP. E-mail: prof.marcuseduardo@bol.com.br

Afora isso, soma-se o fato que os mais diversos assuntos que envolvem a *Economia* também nos envolve a cada momento. Diante disso, por essa simples e incontestável verificação, a *Economia* (enquanto ciência), se coloca com importância ímpar na relação consumidor x desejo de consumo x produção x recursos limitados.

Independentemente do grau de desenvolvimento de um país, a escassez estará presente na vida de todos. Até mesmo os países mais ricos e desenvolvidos sofrem, talvez em menor grau, com a falta de recursos. Quanto às necessidades, da mesma forma, estão presentes nas sociedades com maior nível de bem-estar. Pode-se pensar que os desejos dos agentes econômicos em tais economias, sejam bem diferentes das sociedades mais pobres. Portanto, as necessidades primárias são mais facilmente atendidas nas economias industrializadas; já as necessidades secundárias fazem parte do cotidiano das pessoas destes países.

É justamente por essa linha de análise que a *Ciência Econômica* se destaca e ganha, cada vez mais, maior penetração na vida de todos.

No entanto, é necessário, primeiramente, enaltecer uma questão. O que de fato objetiva essa ciência? James E. Meade (1907-95), laureado com o prêmio Nobel em 1977, certa vez destacou que os três principais objetivos da *Economia* são: 1) A LIBERDADE – garantir a livre escolha por parte de cada cidadão; 2) A IGUALDADE – evitar a brutal diferença entre a riqueza e a pobreza; e, 3) A EFICIÊNCIA – praticar o melhor uso dos recursos disponíveis de modo a garantir um melhor padrão de vida.

Percebe-se, nas palavras de Meade, a abrangência da *Economia* em nossos afazeres diários, uma vez que estamos submetidos, em tempo integral, ao processo de escolhas, sempre em busca de melhor eficiência; afinal, todos almejam uma vida melhor, de preferência com liberdade para atuar onde bem desejar.

Pois bem. Feitas essas incursões, esse artigo, escrito em direção aos estudantes de Ciências Econômicas, pretende, tão somente, levantar questão em torno do real papel do economista na sociedade moderna e de como esse profissional, a partir de análises específicas, pode atuar no sentido de fazer da economia um instrumento capaz de construir uma sociedade mais justa e equânime. Nossa preocupação aqui foi em responder ao que segue: O que cabe ao profissional da Economia nos dias de hoje? O que está reservado a esse profissional acostumado no trato teórico dos problemas econômico-sociais? Qual sua finalidade diante de uma sociedade recheada de conflitos sociais? Que tipo de visão deverá ter esse futuro economista mediante o processo social que encontrará pela frente?

1. Visão Ampla do Processo Social

Primeiramente, o economista que está prestes a entrar no mercado de trabalho, de forma obrigatória, necessitará ter uma visão ampla do processo social. Precisar, portanto, combinar compreensão teórica com explicação técnico-didática, para se colocar de forma apta a exercer sua profissão. Deverá, todavia, explicar os fatos econômicos dos tempos atuais com o rigor de excelência que se espera daqueles que tratam a profissão com esmero.

Segundo, somente se conseguirá isso mediante uma visão panorâmica do ambiente econômico, devendo, nesse pormenor, se abrir ao processo de criação, uma vez que a sociedade (assim como a própria Economia) é algo que os homens não param de refazer. Logo, cabe discernir que a *Economia* é uma ciência dinâmica, não estática; portanto, passível de mudanças e ajustes a todo o momento.

Para isso, esse “novo” economista deve deixar de lado alguns vícios bem comuns. Exemplos? Muitos economistas utilizam as teorias como se elas conseguissem explicar todos os acontecimentos econômicos e sociais que nos cercam. Conhecer a teoria é muito importante, não há dúvidas, mas daí usá-la como fonte de explicação para todos os problemas econômicos e sociais, há uma grande diferença.

Esse economista moderno constatará que, infelizmente, nos dias de hoje, a economia tradicional (no campo da teoria) continua ignorando, por exemplo, o indivíduo e se preocupando, exclusivamente, com o fator acumulação de capital. Para o economista dotado de visão social, essa deverá ser uma de suas primeiras preocupações, no sentido de abolir, definitivamente, essa prática costumeira de ignorar o cidadão-cidadã participante do processo econômico. O economista moderno, conhecedor teórico dos problemas sociais, precisará ter em mente que um mundo melhor para todos somente será possível quando as gritantes disparidades, tanto sociais quanto econômicas, entre os mundos dos ricos e dos pobres, forem diminuídas substancialmente. Para isso, deverá o economista moderno pensar, antes, no *social*, e fazer com que isso esteja sempre acima do *econômico*. É necessário, nesse pormenor, ter a clareza em saber combinar reflexão com ação. Basicamente, nesse intuito, é preciso fazer aquilo que Leonardo Boff diz com bastante propriedade: “*idéias podemos até tê-las, mas o que realmente move o mundo são nossas ações*”.

Assim, procurar transformar a sociedade, buscando levar melhoria e bem-estar a todos, é de uma responsabilidade ímpar. A análise econômica, bem como a execução dos diversos

tipos de políticas deve ser conduzida, para tanto, pensando-se no coletivo, no geral, e não na prática individualista.

Nossa preocupação, acima de tudo, é fazer com que o economista moderno desperte-se para uma nova visão de mundo na qual o “ser” tenha prevalência em detrimento do “ter”. A iniciativa deste novo profissional, contudo, deverá ser a de conduzir a sociedade, por meio das políticas econômicas, não para o atendimento aos ditames do mercado em si, mas sim, e, sobretudo, para a amplitude dos benefícios sociais. É mister ter claro que a *Economia* pode ser considerada como meio adequado a fim de direcionar a sociedade não para a acumulação capitalista, mas para a formação de um estado coletivo de bem-estar, conforme reiteramos anteriormente.

Um primeiro passo nessa direção, segundo nosso limitado entendimento, é fazer com que o economista moderno e outros cientistas sociais se sintonizem no fato de que nem tudo se resume em mercadorias. Nem tudo deve ser condicionado a mera questão mercadológica. A vida sempre foi e será mais. Nem tudo deve se resumir na pré-condição de mercadoria pronta a ser vendida. Essa visão tipicamente mercantilista, reforçada pelos mecanismos capitalistas de mercado, e por políticas que tem destruído a rede de proteção social, leva ao fato de que tudo está (e estará) a venda; é dessa forma que preconizam os defensores do capitalismo que querem tudo vender e, para tanto, em tudo colocam seus preços. Fazendo isso, a economia tradicional dirige esforços para consolidar o individualismo. O ser humano, nesse caso, é visto pelas lentes apenas como mero consumidor. O modelo de *Economia* que queremos aqui manifestar deverá mudar prioritariamente essa visão. A economia que queremos ver ressaltada deve servir o indivíduo, e não ser servida por ele. A Economia é para o homem e pelo homem; não para o mercado e pela mercadoria.

2. Trocar a competição pela cooperação

O economista preocupado em ajudar a construir um mundo melhor deve pensar, necessariamente, em um tipo de sociedade voltada à *cooperação* ao invés da *competição*. Esta última, até mesmo por ser quase sempre praticada de maneira desigual, privilegiando apenas os mais abastados, apresenta evidências, a todo instante, de que serve apenas para dividir e segregar. Desse jeito, dividindo e separando os seres pela condição financeira e/ou posição social que ocupam, jamais se chegará a condição sonhada de construir-se um amanhã melhor para todos.

Ressaltamos que é de responsabilidade do economista repensar a todo instante os caminhos para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Enquanto poucos detêm boa parte da riqueza nacional, influenciando diretamente os rumos da política, muitos sequer imaginam o que farão no futuro próximo. Estes últimos estão largados à sorte, a um mero estado de subsistência dentro do jogo econômico.

O que desejamos destacar é que somente somando forças (cooperando), e não dividindo (competindo de maneira desleal), se poderá alcançar uma sociedade mais justa e menos desigual. É sabido que a força coletiva faz o progresso acontecer. Com o progresso, a chance dos que nada tem passa a ser considerável. A cooperação, nesse sentido, pode ser então a luz que falta àqueles que hoje vivem completamente à margem dos benefícios que uma sociedade equilibrada e justa é capaz de oferecer.

Entendemos, pois, que é justamente nesse sentido que o economista moderno deve pensar. As causas e consequências da pobreza em que vive metade da população mundial deve ser ensinada pelas *ciências econômicas* como sendo a mais abjeta situação, comparável a ignomínia da escravidão que marcou esse país por séculos. Pensar na construção de um mundo social mais justo, deve ser a primeira lição ensinada no primeiro dia de aula no primeiro ano do curso de graduação em Ciências Econômicas.

O profissional economista deve, acima de tudo, pensar na promoção do bem-estar social e em como promover o mínimo de dignidade-humana para os mais carentes. Se continuarmos aceitando a premissa difundida pelo *deus-mercado* de que o mundo é assim mesmo, chegaremos à uma situação catastrófica, assim prevista por TOYNBEE (1974, p. 131):

“Se não tomarmos cuidado, o destino da população dobrada ou triplicada deste planeta poderia ser o de viver sem emprego, em favelas, subsistindo com recursos insuficientes, distribuídos a contragosto pela minoria produtiva, que viveria, por sua vez, no temor de ser massacrada pela massa dos desocupados cheios de rancor”.

O trabalho é árduo, mas o economista moderno deve ser perseverante. Deve lutar para buscar o equilíbrio, para consolidar o projeto humanitário de buscar uma sociedade mais justa e igualitária. Somos sabedores, à luz da boa consciência, que olhar o próximo estendendo-lhes as mãos traz benefícios a todos. As atitudes voltadas à promoção coletiva de externalidades positivas só podem trazer benefícios a toda sociedade.

A pobreza, a fome, a miséria e toda e qualquer outro tipo de exclusão social devem ser os temas de maior interesse do economista moderno; principalmente em sociedades com elevados índices de desigualdades. É simplesmente inadmissível aceitar que no século XXI haja, por exemplo, gente passando fome em qualquer parte do planeta, quando se sabe que os alimentos sobram aqui e acolá e que a fome não é resultante da escassez de alimentos, mas sim da péssima distribuição e de interesses diversos que insistem em penalizar os mais necessitados em troca de ganhos mais elavados nos mercados financeiros.

Propor alternativas para erradicar esses males sociais deve ser a tarefa a ser empreendida com afinco pelos profissionais da *Economia* que chegam ao mercado de trabalho. Essa deve ser a bandeira a ser levantada por todos os economistas que vestem a camisa a favor da luta por um mundo melhor. Afinal, a *Economia* nasceu para isso; para dar uma resposta positiva aos problemas sociais que tanto aflinge o homem moderno. Os economistas dos dias de hoje precisam resgatar o real entendimento e a prática dessa ciência que um dia, por infelicidade, foi chamada de lúgubre (*dismal science*). Que fique claro: a *Economia* é a ciência social voltada a administrar os recursos escassos no sentido de promover a produção e distribuição de bens e serviços para satisfazer as necessidades da população. Desta forma, não podemos admitir a morte de crianças e adultos ao redor do mundo, por falta de água ou alimento. Conforme dados divulgados pela UNICEF, disponível em DOWBOR (2008, p. 12), quatro milhões de crianças morreram em 2005 “por não ter acesso a água”. Acabar com essa situação é imperioso. Mais do que uma questão social, isso é no fundo uma ação de amor ao próximo.

3. Crescimento econômico, equilíbrio ecológico e progresso social

Outro ponto que desejamos destacar é o seguinte: a *Economia* só faz sentido de ser e tornar-se útil se, e somente se, agrupar em sua intenção crescimento econômico (equilibrado), equilíbrio ecológico (meio ambiente sustentável) e progresso social (justiça e equidade). Fora disso, a *Economia* encontra-se totalmente desconectada da realidade.

Definitivamente, o padrão de crescimento das sociedades modernas precisa ser modificado. Essa modificação passa, inexoravelmente, pela ação do economista moderno em prol da melhoria de vida daqueles que tanto necessitam de ajuda. O padrão de crescimento econômico das sociedades modernas não pode ser praticado, como temos presenciado, sob uma plataforma socialmente perversa que desrespeita o indivíduo, não privilegia as condições

dignas de trabalho e ainda faz uso inadequado dos recursos naturais, poluindo o ar que respiramos.

Nas palavras de DOWBOR (2008, p. 13): “Essa política traduz numa pressão sobre recursos não-renováveis que o planeta não pode suportar”. A conscientização necessária para mudarmos nossos hábitos de consumo é urgente. Ainda conforme DOWBOR, jogamos no lixo cerca de um quilo de produtos por dia, e como se não bastasse ainda pagamos para que esse lixo seja recolhido. Isso é uma completa irracionalidade, nas palavras do autor “(...) não nos damos conta do desperdício”.

Se realmente desejamos uma sociedade melhor, outro mundo precisa, urgentemente, ser “edificado” sob novos olhares. Especificamente sob o olhar de que a mudança é plausível e está ao nosso alcance. É bom não esquecer, nesse sentido, que reflexão coletiva é espécie de irmã siamesa da ação participativa. Assim, mostrando primeiramente as feridas, poderemos chegar mediante ações, à cicatrização.

É necessário antes conhecer para compreender e, compreendendo, poderemos empreender ações corretivas. O pensamento precede a ação, assim como o desejo (o querer) incita o fazer, o agir. Agindo, “forçaremos” a mudança e, mudando, certamente, progrediremos. A Ciência Econômica pode, perfeitamente, contribuir nesse sentido. Ser economista é, acima de tudo, agir dessa maneira.

É dentro dessa abordagem que a economia solidária – uma nova maneira de “ver, pensar, sentir e fazer” economia vem ganhando destaque. Dessa forma, podemos dar início a uma nova maneira de contabilizar o próprio PIB das nações. No passado, considerava-se rico o país que conseguisse acumular a maior quantidade possível de metais preciosos. A preocupação do Estado era voltada tão somente para a promoção de maior acúmulo de riquezas e de dar garantias de segurança para possíveis invasões territoriais. O que mudou? Hoje consideramos ricas aquelas nações que conseguem produzir bens e serviços finais em grande escala, e que acumulam grandes parcelas em reservas monetárias dentro ou fora do país. Esta forma de riqueza, contudo, também está ultrapassada. Não serve mais para a realidade da *Economia* contemporânea, muito menos para aquilo que o futuro nos reserva.

Essa *nova economia* que aqui estamos defendendo a partir da conscientização do verdadeiro papel do economista moderno, somente poderá ser essencialmente solidária à medida que um maior número de adeptos engrossarem as fileiras de um novo modo de fazer

economia, de um novo modelo a ser implantado. De um modelo que respeite os padrões de produção sem agredir os recursos naturais assegurando condições de vida às gerações futuras.

Em suma, necessitamos de um modelo que respeita a relação economia x meio-ambiente, identificando que há limites ao crescimento econômico. O economista moderno precisa entender, definitivamente, que poluição e devastação da natureza nunca foram sinônimos de crescimento. Acima de tudo, cabe a esse profissional responder o que pode ser feito para se criar uma economia humana com capacidade de prover suficientemente para todos.

Igualmente, o economista moderno precisa ter em mente que o crescimento físico em um planeta finito deve no devido tempo ter fim. Aqui, somado a essa preocupação com a questão ambiental, reiteramos a necessidade de buscar outro modelo econômico que respeita e prioriza, por exemplo, o trabalho não remunerado da mulher “dona do lar”, vendo nisso também uma atividade econômica produtiva e, antes, buscar um modelo de economia capaz de afirmar positivamente o trabalho das organizações não governamentais.

É dessa forma que um novo modelo de desenvolvimento econômico deverá ser pensado. Um modelo que comece indagando o verdadeiro sentido de riqueza. Conforme estudos realizados pelo Grupo de Trabalho de Economia Solidária do Fórum Social Mundial de Porto Alegre 2002, não podemos mais tolerar que apenas uma pequena parcela da sociedade tenha o acesso à riqueza material, enquanto que boa parte da população só consegue ter acesso à miséria e a falta de esperança.

A história tem mostrado que o número dos que ganham acesso à riqueza material é cada vez mais reduzido, enquanto aumenta rapidamente o número dos que só conseguem compartilhar a miséria e a desesperança. Além disso, tanto o conceito de riqueza como os indicadores de sua avaliação parecem reduzir-se ao valor produtivo e mercantil, sem levar em conta outros valores como o ambiental e o social de uma atividade econômica.³

4. O modelo de economia social-solidária

Qual poderia então ser esse modelo? A solidariedade, entendida em suas linhas mestras pelo caráter cooperativo pode, em nosso entendimento, ser esse modelo. O Modelo de Economia Social-Solidária que desejamos deve respeitar a geração presente, priorizando,

³ Estudo realizado pelo Grupo de Trabalho (GT) de Economia Solidária para o lançamento do debate sobre Economia Solidária FSM 2002 – (Fórum Social Mundial) – Porto Alegre. Disponível em Le Monde Diplomatique Brasil; 4. Desafios da Economia Solidária, 2008, p. 108.

valorizando e enaltecendo o ser humano, em lugar de focar, exclusivamente, na acumulação de capital – típica da selvageria capitalista. Por sinal, essa “selvageria capitalista”, ao longo dos últimos 200 anos, deu mostras mais que suficientes de que não foi pautado por relações igualitárias, mas sim pela busca incansável do lucro, mesmo que, para isso, a vida de milhões de pessoas seja sacrificada.

Um novo sistema econômico, solidário e participativo, mais ético e menos mercantil tem que emergir para diminuir a abissal diferença entre o modo de viver dos mais ricos em relação aos mais pobres, até mesmo porque essa diferença já extrapolou todo e qualquer limite imaginável. Afinal, estamos num mundo em que vinte por cento da Humanidade não hesita em gastar três dólares por dia num simples *cappuccino*; enquanto, do outro lado, quase 40% da população mundial “tenta” viver com menos de dois dólares por dia. Habitamos um mundo em que para manter uma vaca em pé na Europa central são gastos quatro dólares por animal a cada dia. No entanto, por não receber nem dois dólares (menos da metade, portanto, que uma vaca “recebe” em forma de subsídio) por dia, três milhões de pessoas morrem por causa de malária todos os anos na África subsaariana. Ora, no texto elaborado pelo (GT) isso faz com que:

(...) a lógica do mercado capitalista só reconheça as necessidades humanas que podem ser satisfeitas sob a forma de mercadorias e são oportunidades de lucro privado e de acumulação de capital. O capital só reconhece a demanda efetiva, isto é, o poder de compra. Quem tem necessidades, mas não tem poder de compra não é reconhecido como sujeito de direitos pelo capital. (...) ⁴

Talvez seja por isso que a cada semana a pobreza e suas nefandas “conseqüências” matam no continente africano o mesmo número de pessoas que foram dizimadas pelo tsunami que atingiu o sudeste asiático anos atrás e o Japão neste ano.

Independente disso, a título de triste comparação, a maior economia do mundo (EUA) gastou, apenas em 2007, US\$ 547 bilhões em material bélico para manter suas tropas ocupando mais de 700 bases militares em mais de 110 países. Segundo o Instituto Internacional de Estudos para a Paz de Estocolmo, foi gasto pelos países mais ricos, somente em 2007, a importância de US\$ 1,339 trilhão em armamentos (incluindo todos os tipos de

⁴ Ibid. p. 108.

armas). Os EUA, uma vez mais, lideraram esses gastos. Isso representou 2,5% do PIB mundial.

Sem dúvida, este não é um modelo eficiente que busca racionalidade nas relações humanas. É sabido que a melhoria das condições humanas, do nível de renda das economias mais pobres, a busca pelo bem-estar e de políticas eficientes de educação, pode trazer benefícios a todos. Está aí a possível solução para a atual crise mundial. A economia solidária pode, segundo julgamos, contribuir para minimizar os efeitos desta crise. Boa parte da população mundial carece de consumo para suprir necessidades básicas, contudo, só não o fazem por falta de um fluxo gerador de renda, ou seja, por falta de uma atividade econômica que incorpore aqueles que não possuem o poder de compra.

(...) A economia solidária busca a unidade entre produção e reprodução, evitando a contradição fundamental do sistema capitalista, que desenvolve a produtividade, mas exclui crescentes setores de trabalhadores do acesso aos seus benefícios, gerando crises recessivas, hoje de alcance global. A economia solidária também busca outra qualidade de vida e de consumo, e isto requer a solidariedade entre os cidadãos do centro e os da periferia do sistema mundial. (...) ⁵

Considerações finais

Como descrito por DOWBOR (2008, p. 12) não podemos pensar mais em tragédia social, precisamos voltar nossas ações para oportunidades econômicas.

Queremos chamar a atenção, ao concluirmos esse artigo, de que uma nova economia é possível, mesmo que muitos pensem o contrário. Não podemos mais admitir que a competição (dita leal, mas na essência completamente desigual) seja benéfica no sentido de melhorar as relações sociais entre os agentes econômicos, ou ainda, de que as forças de mercado, por si só, sejam capazes de se auto-regular e trazer benefícios a todos.

Aquelas formiguinhas que fazem sua revolução às segundas-feiras de manhã. Todos os dias. Todos os anos. Uma eternidade. E o fazem sem dar grande importância. Sem discursos eloqüentes nem campanha publicitária. Mas fazem.

⁵ Ibid. p. 110.

Transformam, dia após dia, o ambiente econômico e social. Repensam e reconstróem conceitos. Transformam pensamentos e realidades socioeconômicas. Seus empreendimentos autoadministrados, que contestam a economia neoliberal, são exemplo vivo de que ‘outra economia é possível’. (REINTJES, 2008, p. 92).

As palavras de REINTJES acima são, por si, autoexplicativas. De nossa parte, desejamos uma vez mais trazer à tona alguns dados que servem para nossa reflexão. Vejamos que para cada US\$ 1 que a Organização das Nações Unidas (ONU) gasta em campanhas publicitárias para buscar a paz mundial, três dos países mais ricos (EUA, França e Inglaterra) gastam, cada um, outros US\$ 20 para promoverem guerras e destruições. Até quando esse modelo econômico perverso continuará dando as cartas? Contra essa insanidade política e econômica é que os economistas devem empreender forças e levantar um grito capaz de resgatar a Liberdade, a Igualdade e a Eficiência, assim como James Meade nos explicou serem esses os objetivos principais dessa ciência. SER ECONOMISTA é, acima de tudo, lutar por um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

DOWBOR, Ladislau. **Democracia econômica: alternativas de gestão social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Grupo de Trabalho (GT) de Economia Solidária para o lançamento do debate sobre Economia Solidária FSM 2002 (Fórum Social Mundial), Porto Alegre. In: **Desafios da economia solidária**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. (Le Monde Diplomatique Brasil; 4).

REINTJES, Carola. A revolução das segundas feiras. In: **Desafios da economia solidária**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. (Le Monde Diplomatique Brasil; 4).

TOYNBEE, A. In: SACHS, Ignacy. **Espaços, tempos e estratégias de desenvolvimento**. São Paulo: Vértice, 1986.